

Globethics Repository



Evangelismo que Salva [Evangelism that Saves]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Ramos, Jose Carlos
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-14 22:00:38
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228963

ARTIGOS

Evangelismo que Salva: Expressão Plena do Cristianismo

Jose Carlos Ramos, D. Min

Professor de Teologia Fundamental do curso de
Teologia do Unasp, Centro Universitário Adventista,
Campus Engenheiro Coelho (SP)
jose.ramos@unasp.edu.br

RESUMO: Evangelismo, como proposta salvífica, é preponderantemente cristão, e seu objetivo só é logrado quando a atividade evangelística respeita o significado pleno de cristianismo. Assim, a resposta à pergunta “o que é cristianismo?” é decisiva para qualquer iniciativa de se considerar evangelismo a forma específica de proclamação das boas novas de salvação em Jesus Cristo. Essa resposta pretendida por meio desse artigo é ainda mais imprescindível quando se questiona a validade de uma exposição doutrinária no processo evangelístico.

Palavras-chave: cristianismo, igreja, evangelismo e salvação.

Evangelism that Saves: the Full Expression of the Christian Religion

Abstract: Evangelism, as a mean of a proposal of salvation, is mainly a Christian phenomenon, and its goals are reached only when the evangelistic activity respects the full meaning of Christianity. Hence, the answer to the question “what is Christian Religion?” is decisive to any attempt of considering evangelism as the specific way of proclaiming the good news of salvation in Jesus Christ. Such an answer, object of this article, is even more a necessity when the validity of the exposition of a doctrine, in the evangelistic process, is questioned.

Keywords: Christian Religion, Church, Evangelism, Salvation.



Elementos do Cristianismo e Respectivos Conceitos

Uma definição de cristianismo não salta aos olhos, nem é percebida naturalmente. O termo é um tanto complexo e envolve diferentes perspectivas. De qualquer forma, porém, uma conceituação de cristianismo há de ser completa quando se toma em apreço o seu *sentido essencial*, tanto quanto os *elementos externos* que o cristalizam. Estes sugerem diferentes conceitos, que, tomados em seu todo, dão forma e conteúdo à sua essencialidade, a qual é primeiramente *cristológica* para então ser *soteriológica*.

Cristianismo, às vezes, é rotulado *socialmente*, como quando os dicionários falam da coletividade dos cristãos. Todavia, percebemos que muito do que acontece no seio da sociedade cristã fere os princípios morais do cristianismo. O conceito social, então, se aplicaria mais a cristandade que a cristianismo, e deveria, portanto, ser descartado.

Para fins deste estudo, adiantamos a suma da essencialidade do cristianismo afirmando que *cristianismo é Cristo*. Ao se analisar os conceitos decorrentes dos elementos externos do cristianismo à luz de sua essencialidade, ver-se-á que esta breve definição substancia cada um destes elementos, cujos conceitos são descritos a seguir.

O Conceito Filosófico

Cristianismo poderia ser definido *filosoficamente* como a religião dos cristãos, que, embora plantada e desenvolvida inicialmente em solo oriental, voltou-se com tal ímpeto para o ocidente que norteou seu pensamento e contribuiu diretamente para sua cultura, progresso, ética, e desenvolvimento científico.

Assim considerado, o cristianismo seria comparável a qualquer outra grande religião no mundo, budismo, islamismo, etc., em que pesem as diferenças de culto e ideologia, e o fato de que é, por excelência, “a religião do ocidente”. Todavia, não se faz justiça ao sentido mais amplo do cristianismo se meramente o conceituamos em termos filosóficos e geográficos, posto que a fé, ocupando lugar preponderante no pensamento cristão, desconhece fronteira e avança para além da razão, ainda que não contrário a ela. É claro que cristianismo é uma religião, mas, por sua própria natureza, é mais que isso.

O Conceito Eclesiológico

O conceito *orgânico/institucional* do cristianismo equipara-o à Igreja. A comunidade dos fiéis, com particular aplicação ao sistema administrativo que a conduz, efetivaria o ideal cristão, que deve permear a sociedade.

O princípio elementar deste ponto de vista provém da obra maior de Agostinho, *De Civitat Dei* (*A Cidade de Deus*), possivelmente o mais significativo tratado, em todos os tempos, de vindicação do cristianismo. O autor via na fé cristã uma nova ordem moral mais forte que qualquer outro poder no mundo, particularmente o civil, retratado no domínio romano cujo império amargava, em seus dias, um processo galopante de decadência. Nesta obra, várias proposições néo-testamentárias acerca da Igreja são abordadas e aplicadas coercivamente ao poder secular; os governos mundanos estariam na obrigação de prestar respeito e subserviência ao governo eclesástico.¹

Entretanto, não deveríamos considerar Igreja e Cristianismo como instituição única. A primeira é um dos elementos essenciais do segundo, e é mais restrita em seu escopo e atribuição.

¹ *De Civitate Dei* abriu o caminho para o conceito medievalista da Igreja, caracterizado pelo domínio temporal e religioso do papado (ver Benjamin B. Warfield, “Augustine”, *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, 2:221).



Ela, é verdade, incorpora o cristianismo, tenta viver seus princípios, mas não é tudo o que ele representa.

O Conceito Doutrinal

Cristianismo pode também ser definido *doutrinalmente*, em termos dos credos e confissões de fé formulados no transcurso da história, comuns na pretensão de se fundamentarem na verdade cristã, mas distintos em particularidades oriundas de diferentes formas de interpretação e compreensão dessa mesma verdade. A maioria desses credos surgiu em épocas de controvérsia nos círculos cristãos e “denunciava algum erro específico, crido como sendo uma ameaça, ou alguma alegada apostasia contra a qual o credo era formulado como a ‘essência’ da fé cristã.”² Isto é verdade dos credos Niceno (325AD), Constantinopolitano (381AD) e Calcedônico (451AD), apenas para citar alguns exemplos, os quais estabeleceram o ponto de vista ortodoxo quanto à pessoa de Cristo.

Todavia, mesmo os credos tradicionais foram diferentemente interpretados em seus detalhes, assim que qualquer conceito doutrinal de cristianismo acabará realçando as distinções de crença. Geralmente a fé cristã tem sido dividida em três grupos principais: *catolicismo romano*, *ortodoxismo oriental* e *protestantismo* com suas várias confissões. Por certo que cada um desses grupos se considera cristão, o que indicaria a existência de um “conjunto comum de crenças fundamentais compensando as diferenças.”³

Essa compensação seria o *Credo Apostólico*? Nesse caso, crença em Deus como Criador, em Jesus como Filho de Deus e nosso Senhor, no Espírito Santo, na Igreja, no perdão dos pecados e na vida eterna, torna cristão um ser humano ou uma igreja. Não cabe aqui discutir as diferentes posições doutrinárias, mas precisamos reconhecer que serão válidas apenas na proporção em que solidamente se fundamentem nas Escrituras. A Bíblia é, de fato, a única regra segura de fé e prática do cristianismo, segundo a tradicional posição *Sola Scriptura* dos reformadores. Velho e Novo Testamentos, à luz dos ensinamentos de Cristo, são exclusivamente autoritativos e normativos para os cristãos em todo o tempo.

De igual forma, não podemos restringir o cristianismo a uma coleção de doutrinas, mesmo se extraída inteiramente da Bíblia. Cristianismo implica uma realidade maior que um mero corpo doutrinário, embora o inclua. Doutrinas, com efeito, constituem apenas um segmento dele.

O Conceito Ético

O conceito *comportamental* de cristianismo se situa próximo ao conceito doutrinal. Nessa perspectiva, cristianismo é considerado, em seu aspecto ético, como o estilo de vida ensinado e exemplificado por Jesus mesmo. Cristo aqui é tomado como nosso exemplo. Ser cristão é fazer o que Jesus fez, e é ser o que Ele foi.

Embora não seja possível admitir que os conceitos doutrinal e comportamental, a exemplo dos anteriores, expressem tudo o que cristianismo é, assume-se que os mesmos induzem para o conceito primordial de cristianismo entre os demais derivados de seus elementos externos.

M'Clintock e Strong aludem a esses dois conceitos quando definem cristianismo *objetivamente* e *subjetivamente*. Ele é “a religião dos cristãos incluindo doutrinas, moralidade e instituições” fundamentadas nas Escrituras do Velho e Novo Testamentos, tanto quanto a própria “fé cristã e a vida do indivíduo, na qual se manifesta a vida de Cristo, o Deus-homem, partilhada através do Espírito Santo.”⁴

O Conceito Experiencial

² Charles C. Morrison, *What is Christianity?*, 6.

³ James S. McEwen, *Why We Are Christians*, 2.

⁴ J. M. Clintock and J. Strong, *Cyclopaedia*, 2:270.



Vida cristã autêntica começa com a aceitação de Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Isto é feito pela fé, que é a resposta humana àquilo que Deus realizou em Jesus e através dEle. Por meio da fé, os recursos do cristianismo se colocam ao alcance do crente: arrependido, ele recebe o perdão dos pecados; justificado, ele tem paz com Deus; pelo Espírito Santo, ele é gerado para uma nova vida de justiça e santidade, que se desenvolve com uma contínua comunhão com Deus; membro do corpo de Cristo, que é a Igreja, ele desfruta um sadio companheirismo com seus “irmãos”; com um novo senso de valor e missão, ele se torna uma bênção para a família, os vizinhos, sua comunidade, a Igreja e o próprio mundo; e a vida do reino divino se torna sua vida, seu estilo de vida sob a soberania do amor divino. Tudo isso acontece não porque meramente seja parte da cristandade, mas em resultado do compromisso assumido com Cristo no momento em que Lhe rendeu a vida. Que experiência!

Este é, sem dúvida, o aspecto primordial e mais sublime do cristianismo; o selo que distingue sua distinção e singularidade religiosa no mundo. Este aspecto tem a ver com o ser humano em sua inteireza como indivíduo, mas com profundas implicações para a coletividade. Todavia, é só mais um aspecto, e não é também próprio definir cristianismo simplesmente em termos de experiência.

Conclusão

Temos considerado o cristianismo vinculado a cinco elementos: religião, igreja, doutrinas, ética e experiência. Estes elementos, entretanto, não oferecem por si mesmos uma expressão final, conclusiva de cristianismo. Dizer que este é uma religião incorporada numa comunidade, conhecida como Igreja, a qual sustenta um corpo de doutrinas que, por sua vez, determina um estilo de vida, é defini-lo de forma superficial.

A essência do cristianismo exige o desdobramento de suas próprias feições, em favor do elemento interno, transcendente, essencial, que se esconde por trás delas. É possível visualizar este elemento nas considerações de John Buckham. Para ele, cristianismo é “uma vida de fé e amor plena do Espírito e incorporada numa religião de revelação e de redenção; de natureza experimental; eterna em valor e conteúdo; histórica em estrutura, pessoa e evento; institucional no acesso à realidade; interpretada por uma teologia cristocêntrica em método, teocêntrica em incentivo e objetivo e antropocêntrica em seu direcionamento; incorporada numa comunidade de companheirismo, a Igreja, com seu Senhor; implementada por uma ética pessoal e social espontânea fundamentada na vontade divina; e tendo como alvo uma ordem social universal, espiritual e moral, o domínio ou Reino, de Deus.”⁵

Trabalhemos esta definição ampliada e consolidemos o sentido essencial de cristianismo.

Cristianismo em Sua Essência:

Revelação e Religião

Pelo que se considerou até aqui, é inegável que cristianismo é, de fato, um de seus elementos: religião. Mais que isso, todavia, ele é *religião* e *revelação*.

Ambas caminham lado a lado, e uma empresta sentido e substância à outra.⁶ São também termos correlativos. “A maneira como o homem se relaciona com Deus em religião pressupõe a maneira como Deus se relaciona com o homem em revelação.”⁷ Isto significa que a revelação de

⁵ J. Buckham, “Christianity”, *An Encyclopedia of Religion*, Virgilio Ferm, ed., 162.

⁶ Como A. Nygren observa, “uma religião é religião somente se ela revela alguma coisa sobre o Eterno” (*Essence of Christianity*, 29).

⁷ J. Köstlin, “Religion”, *A Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology*, 3:2021.



Deus, quando distorcida pelo homem, pode resultar numa resposta humana consoante tal distorção, e conseqüentemente imprópria para Deus. Justificação pelas obras é uma impressionante evidência desse fato.

O ponto crucial em qualquer abordagem religiosa, portanto, é esta resposta humana que às vezes trai a revelação como incorreta e caracteriza a religião como falsa. Assim, cristianismo deve substantiar sua genuinidade como religião verdadeira por oferecer uma revelação também verdadeira, por estimular no ser humano uma resposta correta a tudo quanto Deus tem feito por ele, e então, por colocar o homem num relacionamento apropriado com Deus. Em suma, cristianismo essencialmente tem a ver com revelação divina e conseqüente resposta humana, resultando na salvação eterna do homem.

Cristianismo, pois, é tanto religião como revelação, ou, colocando na ordem de prioridade, revelação e religião. A primeira porque se origina naquilo que Deus tem feito pelo homem; a segunda porque indica como o homem deve reagir à ação de Deus. Tal ação deve ser observada particularmente “na pessoa de Jesus”, como E. G. Sanford declara e ser considerada em seu propósito último: “restaurar a humanidade o companheirismo com Deus que ela perdeu.”⁸ Assim definido, o cristianismo oferece a solução para o pior problema do universo: o pecado e suas conseqüências.

Jesus e Revelação Divina

O processo de revelação desenvolvido por Deus na História alcança sua culminância na vida, morte e ressurreição de Jesus. Elas são, como afirma Morrison, “o evento consumativo na revelação histórica de Deus.”⁹ Ou como Henry coloca, “revelação especial envolve singulares eventos históricos de libertação divina, culminados na encarnação, expiação e ressurreição de Jesus Cristo, a suprema manifestação de Deus na carne.”¹⁰

Isto não significa que, após Jesus, a revelação divina não mais ocorreu; significa, sim, que Ele é o próprio centro e razão de ser da *história da salvação*. Deste centro, a História total da humanidade deve ser entendida e interpretada. Cullmann declara que a presença de Jesus de Nazaré é o número um no processo revelacional divino, tanto quanto o sentido e critérios finais “de toda a História antes e depois dEle.”¹¹

Assim, para o crente, história sagrada e história secular se tornam história da salvação. Isto também significa que não há revelação desconectada de Jesus Cristo. O pré-existente, encarnado, e finalmente glorificado Filho de Deus, através de cuja mediação o Espírito Santo é concedido aos seres humanos, é a fonte da revelação divina em todos os tempos. Ele é o “Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8).¹²

Cristianismo Cristológico e Soteriológico

Cristianismo, portanto, é matéria de cristologia (a doutrina da pessoa de Cristo) e conseqüente soteriologia (a doutrina da salvação por meio de Cristo, entendida tanto como presente e final, ou escatológica). É cristológico por ter em Cristo seu fundamento e conteúdo. Não havendo Cristo não haverá absolutamente qualquer cristianismo. Cada coisa que cristianismo é, em Cristo é.¹³ Se cristianismo é pensado em termos de Igreja, Cristo é sua cabeça e ela é Seu corpo; se concebido

⁸ Elias B. Sanford, *A Concise Cyclopaedia of Religious Knowledge*, 175.

⁹ Morrison, 88.

¹⁰ Carl F. Henry, “Divine Revelation and the Bible,” *Inspiration and Interpretation*, ed. John F. Walvoord, 254.

¹¹ Oscar Cullmann, *Christ and Time*, 20.

¹² Salvo se indicado diferentemente, citações bíblicas são extraídas da *Versão Almeida Revista e Atualizada no Brasil* (1993).

¹³ “Cristo coloca Seu selo sobre cada coisa.” Nygren, 57.



como sistema doutrinal, ou estilo de vida, Cristo é a própria incorporação da doutrina e vida cristãs. Phillip Schaff afirma que cristianismo “é uma Pessoa, não um sistema ético ou de divindade; é uma Vida, não um pensamento.”¹⁴ Assim Cristo é a pedra de esquina de todo o edifício cristão, e sua substância.¹⁵ Essencialmente, portanto, *cristianismo é Cristo*.

Cristianismo é também soteriológico, pois envolve um processo completo de revelação, reconciliação e restauração da comunhão entre Deus e o homem. Mas como foi dito, o ser soteriológico é conseqüente do ser cristológico, pois tal processo tem sua causa eficiente em Jesus Cristo. Ele é “o resplendor da glória e expressão do Seu [do Pai] Ser” (Hb 1:3). Jesus é Aquele que derrubou “a parede de separação” (Ef 2:14), reconciliando “consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos Céus” (Cl 1:20), e que “veio buscar e salvar o perdido.” (Lc 19:10). A fim de tornar possível esses fatos soteriológicos, Ele teve que Se tornar tanto a justiça de Deus como o pecado do homem (II Co 5:21). A eficácia do plano de salvação reside nesse sublime paradoxo. Como Lutero afirmou, “aprenda de Cristo e dEle crucificado; aprenda a orar a Ele desesperando-se de si mesmo e diga: ‘Tu, Senhor Jesus, és a minha justiça, mas eu sou o teu pecado; tens tomado sobre Ti mesmo o que não eras, e me tens dado o que eu jamais fui.’”¹⁶ E de Ellen G. White: “Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia.”¹⁷

A encarnação é o supremo ato da *revelação* de Deus porque, através dela, Ele pôde revelar a Si mesmo ao homem não em meras palavras, como anteriormente fizera pelos profetas, mas pessoalmente e numa viva maneira. A encarnação é também o supremo ato de *reconciliação* porque ela foi capaz de prover a oportunidade para um sacrifício divino pelo qual a expiação definitiva pelo pecado humano foi efetivada. Finalmente, a encarnação é o supremo ato de *restauração*, desde que, através dela, o infinito abismo entre Deus e o homem, causado pelo pecado, é coberto, e o filho pródigo pode voltar ao lar.

É verdade que se o homem nunca tivesse pecado ele teria desfrutado de um eterno companheirismo com Deus. Mas, então, ele nunca teria tido o privilégio de saudar a Deus como um membro de sua própria espécie. Este veio para Se identificar com a nossa situação, para resgatar-nos da condição caída, e colocar-nos de volta ao estado original; e com uma vantagem a mais: Ele será sempre um de nós. Como Ellen G. White declara, “por Sua vida e morte, Cristo operou ainda mais que a restauração da ruína produzida pelo pecado. Era o intuito de Satanás causar entre o homem e Deus uma eterna separação; em Cristo, porém, chegamos a ficar em mais íntima união com Ele do que se nunca houvéssemos pecado. Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Ele nos estará ligado por toda a eternidade... Deus deu Seu Filho unigênito a fim de que se tornasse membro da família humana, retendo para sempre Sua natureza humana.”¹⁸

Elementos Externos

¹⁴ Phillip Schaff ed., “Christianity,” *A Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology*, 1:449.

¹⁵ “Cristo é o princípio, centro e fim. Cristianismo é Cristo, pois proclamar o primeiro é proclamar o segundo” (G. W. Bromiley, ed., “Christianity,” *The International Standard Bible Encyclopedia*, 1:659). A fé cristã não é uma “teoria, mas uma realidade presente e viva”, e “não é relacionado com idéias, mas com uma pessoa... Portanto, fê em Jesus como o Cristo é verdadeiramente uma ‘fê pessoal’. Tal fê não é a aceitação de um sistema, mas aceitação desta pessoa que é sua palavra; da palavra e da pessoa como palavra” (J. Ratzinger, *Introduction to Christianity*, 148, 151).

¹⁶ Martinho Lutero, em 8 de abril de 1516, a George Spenlei, em *Luther’s Correspondence and Other Contemporary Letters* (traduzido e editado por Preserved Smith), 34.

¹⁷ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (1990), 25.

¹⁸ Ibidem.



Mas, se tudo isso perfaz a essência do cristianismo, por que são vitais, como integrantes de seu significado, aqueles cinco elementos externos inicialmente abordados? A resposta é simples: são decisivamente necessários, porque, como afirmado, eles efetivam a própria essência do cristianismo. Na verdade, ambos, o sentido essencial e o dos elementos, são mutuamente dependentes. Cristianismo, exclusivamente em seu sentido essencial, não passará, ainda que bela e inspiradora, de uma simples filosofia ineficaz, e por isso mesmo, inconsequente para o ser humano, no sentido em que, a exemplo das demais filosofias, não será capaz de resolver o maior problema de todos os problemas, o do pecado. Por sua vez, sem o sentido essencial, o cristianismo simplesmente não fará, ele mesmo, sentido; como atingiremos o grande ideal ao qual a ação divina nos impulsiona, se tal ação simplesmente não ocorreu, ou, se ocorreu, permaneceu velada?

Estes elementos, portanto, devem ser reconsiderados, agora em seu relacionamento com a essencialidade do cristianismo, para se confirmar que esta é, na realidade, a essência de cada um dos elementos, aquilo que empresta significado a eles. Em outras palavras, a asserção de que *cristianismo é Cristo* deve, não importa o aspecto considerado, ser sempre assumido.

Começemos com aquele, que dos cinco, julgamos ser o fundamental, decisivo, aquele do qual os demais dependem: cristianismo em seu conceito experiencial.

Resposta Humana: Crer em Jesus Cristo

Uma vez revelada a ação de Deus em Cristo e por Cristo em favor do pecador, resta a este reagir favoravelmente, se almeja que o propósito da revelação seja alcançado em sua experiência. A reação favorável se verifica quando ele aceita a Jesus pela fé, como Seu Salvador pessoal. Assim, cristologia e soteriologia se fundem para tornar o próprio cerne do cristianismo e a asserção de que *cristianismo é Cristo* é legitimada.

Porque aquele que se torna cristão recebe em sua vida não apenas o ensino de Cristo, ou mesmo o ensino acerca dEle, mas o próprio Cristo, ele se torna não um mero recitador de Seu ensino, mas uma viva exposição dele, pelo que ele demonstra que foi salvo. “É por nosso vivo Salvador Jesus Cristo que somos, de volta ao lar, trazidos a Deus, não através de alguma doutrina dEle, ou de alguma doutrina sobre como é o Seu *salvadorismo*.”¹⁹ J. Ratzinger, o atual papa, relembra que a fórmula central da fé cristã não é “eu creio em alguma coisa”, mas “eu creio em Ti.”²⁰ O homem responde positivamente à manifestação salvífica de Deus em Jesus Cristo por crer não num código de ética, ou num corpo de doutrinas, mas numa Pessoa, Cristo mesmo. É com esta atitude que o homem se torna um cristão. Assim, como diz R. William Dale, “não é a doutrina da morte de Cristo, mas a própria morte dEle que expia o pecado humano.”²¹

A experiência de Paulo ilustra claramente este fato. Antes de se tornar cristão, ele cria num grande número de prescrições e declarações doutrinárias. Mas chegou o dia em que ele considerou qualquer coisa que poderia ser computada em seu favor como perda por amor de Cristo (ver Filipenses 3:7, 8). Ele sabia “em Quem”, não “no que” crer (II Tm 1:12). Concordamos com M. C. Tenney que esta é “a expressão final de uma experiência cristã triunfante.”²² Triunfante porque genuína, e genuína porque fundada em Jesus Cristo, a substância e conteúdo do verdadeiro cristianismo, Aquele “que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1:23).

Significa isso que cristianismo nada tem a ver com doutrinas? Não necessariamente, pois não apenas o elemento que acabamos de frisar, mas também os demais são partes integrante do autêntico processo evangelístico e efetivam a essência do cristianismo.

¹⁹ William N. Clarke, *What Shall We Think About Christianity?*, 93, 94.

²⁰ Ratzinger, 47.

²¹ Cit. por Clarke, 93.

²² Merrill C. Tenney, *John, the Gospel of Belief*, 246.



Doutrinas Como Parte do Processo Evangelístico

Existe, naturalmente, um conjunto de ensinamentos cristãos que a Igreja tem que comunicar ao mundo, e o fará através da evangelização. A *grande comissão* estabelece esse fato de forma inequívoca: "...ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28:20). É indo e ensinando que os cristãos multiplicam discípulos ao Mestre.

Lembramos aqui a declaração de William Dale, acima referida, que "não é a doutrina da morte de Cristo, mas a própria morte dEle que expia o pecado". Por certo isso é verdade: mas o pecador, é claro, precisa primeiro aprender que a morte de Cristo expiou o seu pecado para, então, aceitá-la (não a doutrina, mas a morte) para ser salvo. Caso contrário, nenhuma alteração do quadro será verificada. Doutrinação aqui é fundamental.

E uma vez salvo, o pecador deverá crescer no conhecimento da vontade de Deus para se colocar em harmonia com ela; caso contrário, sua vida não corresponderá à sua experiência de salvação, e vice-versa, o que se traduzirá numa lamentável incoerência. Desarmonia com a vontade de Deus se chama "pecado" (ver I João 3:4), exatamente aquilo do que ele foi salvo. "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm 6:2). Isso caracteriza a doutrinação como tarefa normal do evangelismo, mesmo porque todo esse processo não poderia ser diferente; as doutrinas da Palavra de Deus não são outra coisa senão a própria expressão de Cristo e de Sua vida.

O ensino dEle não é meramente uma manifestação formal de Suas convicções, como se deveriam existir apenas porque as proferiu. Não! Seu ensino e Sua vida estão perfeitamente entrelaçados, e são uma unidade. Não há isso de se dizer que Cristo e Seu ensino são dicotômicos. "A pessoa de Jesus é Seu ensino, e Seu ensino é Ele mesmo."²³ Ele expôs a verdade por palavras, obras e *personalidade*: Ele disse, Ele cumpriu, Ele viveu. Viveu para exemplificar a verdade, morreu para confirmar a verdade, e ressuscitou para perpetuar a verdade, a mesma que Ele ensinou, e que já havia sido revelada previamente nas Escrituras.

Assim, Ele é a expressão de Sua própria mensagem.²⁴ Ele não somente diz 'todo aquele ... que ouve estas minhas palavras e as pratica...' (Mt 7:24), mas também 'vinde a Mim todos' (11:28); não somente 'bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça' (5:10), mas também 'bem-aventurados sois, quando, por Minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem' (v. 11); não somente 'qualquer que... das Minhas palavras se envergonhar...', mas primeiramente 'qualquer que de Mim... se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem quando vier na Sua glória...' (Lc 9:26); não somente 'Eu digo a verdade' (Jo 8:45), mas também 'Eu sou... a verdade' (14:6).

Portanto, é impróprio fazer evangelismo, a proclamação de Cristo como Salvador, sem referência às Suas doutrinas, expressas não apenas no ensino específico de Cristo à luz dos quatro Evangelhos, mas no ensino total das Escrituras, já que ambos se completam como Palavra de Deus. "Se alguém quiser fazer a vontade dEle [o Pai], pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo" (Jo 7:17, Almeida Edição Revista e Corrigida).

O *Modus Vivendi* Cristão: Parte Integrante do Ensino Evangelístico

Cristianismo se torna um estilo de vida justamente através do ato da doutrinação. É simplesmente impossível separar *vida cristã* da *doutrina cristã*, da mesma forma que é impossível separar o *kerygma* (a proclamação de Cristo como Salvador e Senhor) do *didachē* (Seus ensinamentos) e ainda reter a mensagem cristã em sua inteireza e originalidade; a segunda é o esteio da

²³ Ratzinger, 151.

²⁴ Isto aparece não exclusivamente, mas especialmente no Evangelho de João, onde Jesus é a Palavra encarnada e, simultaneamente, ensina a Palavra de Deus. Como diz Ratzinger, "Jesus é 'a palavra' e assim Se torna claro que Seu ensino é Ele mesmo" (Ibidem, 137).



primeira. Maches observa que “os primitivos cristãos era vidas vivas... fundadas sobre uma doutrina.”²⁵

Mas a questão, a ser aqui encarada, é esta: poder-se-ia afirmar que, também em seu sentido ético, o cristianismo é o próprio Cristo?

Bem, a ética cristã é vertical e horizontal, envolvendo, em todos os aspectos da vida, o relacionamento de alguém com Deus e com o semelhante. Evoca os dois grandes mandamentos da Lei, “amarás o Senhor teu Deus...” e “...o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22:37, 39). Mas, no sermão da montanha, Jesus estipulou a chamada “regra áurea” como a expressão final da ética cristã. “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; *porque esta é a lei, e os profetas*” (7:12; grifos supridos).

Somos informados, entretanto, que as máximas cristãs encontram paralelos em outras formas de expressão religiosa anteriores ao cristianismo, o que as tornam não exclusivas e nem mesmo originais do evangelho.²⁶ A regra áurea, por exemplo, encontra alguma correspondência fora do cristianismo, em filósofos como Confúcio (551-479 a.C.), Isócrates (436-338 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), e outros. Rabi Hilel (70 a.C.-10 d.C.) teria dito a um gentio que o desafiara a sumariar toda a *Torah* numa frase tão curta quanto ele pudesse expressá-la enquanto se equilibrava num só pé: “Não faças ao teu próximo aquilo que te é odioso. Isto é toda a lei; o resto é explicação dela.”

Embora possa ser alegado que as versões não cristãs da regra áurea ocorram numa forma negativa e com aplicação restrita, e que o que foi comandado por Cristo é de caráter dinâmico, positivo e universal, não é aí que ocorre a principal diferença.²⁷ É verdade que o axioma de Jesus “não é simplesmente prudencial”, como Morrison pondera,²⁸ assim que chega a nós numa nova forma, com ampla e final aplicação. De fato, o cristianismo não é singular e exclusivo porque outras religiões não apresentem verdades, mas porque ele retém aquilo que é correto em outras religiões e complementa com aquilo que elas não possuem e nunca poderiam oferecer.

O Espírito de Cristo estava em operação já antes de Ele Se encarnar (I Pd 1:11) e não seria de se admirar que lampejos de Seus ensinoss fossem encontrados em tais pensamentos religiosos e filosóficos anteriores à encarnação. Ellen G. White afirma que “fora da nação judaica houve homens” a quem foi “comunicado o Espírito de inspiração.”²⁹ Afirma também que, “até onde se estende o registro da história humana,” o ensino verdadeiro de grandes mestres “provém da Luz do mundo” e reflete “os raios do Sol da justiça.”³⁰ “Todo raio de luz divina que já atingiu o nosso mundo decaído, foi comunicado por meio de Cristo.”³¹

Em outras palavras, revelação não foi confinada ao cristianismo, mas nele ela se tornou completa e definitiva, porque se manifestou através de uma vida, e não apenas em palavras.

Assim, concernente ao exemplo empregado, a regra áurea, Jesus a expôs não meramente como um padrão exterior de comportamento, mas, e isto deve ser dito de qualquer outra expressão do ensino do Mestre, como o próprio sumário da Lei e dos Profetas, ou seja, de toda a revelação prévia. A partir daí, a Lei não deve ser tomada apenas como um código, um simples sistema de regulamentação, mas em seu sentido evangélico, aquele do divino amor (Mt 22:34-40; Rm 13:8-10) que implica renúncia própria e sacrifício, cuja expressão máxima é o próprio Senhor

²⁵ J. Gresham Machen, *What Is Christianity?*, 20, 22.

²⁶ Ver John Knox, *Jesus, Lord and Christ*, 129ss.

²⁷ William Hendriksen demonstrou que a regra exposta numa forma negativa por Confúcio, “não faças ao teu próximo aquilo que não queres que ele faça a ti”, tem também uma aplicabilidade positiva (ver *New Testament Commentary - The Gospel of Matthew*, 364).

²⁸ James Morrison, *A Practical Commentary on the Gospel According to St. Matthew*, 109.

²⁹ White, *O Desejado*, 24.

³⁰ Ibid, 349.

³¹ Ellen G. White, *Educação*, 73.



Jesus.³² Portanto, o traço distintivamente cristão da regra áurea em Mateus 7:12, e isto é verdade quanto a tudo mais que a Bíblia ensina, é que Aquele que a profere é a própria encarnação dela, e, daí, sua razão de ser e “motivo eficiente e inspiração para o seu cumprimento.”³³

Assim, o próprio fato de que o cristianismo é um sistema de vida fundamentado em Jesus, igualmente corrobora com o fato de que o cristianismo é Cristo antes de tudo e após tudo.

Cristianismo como Igreja também é Cristo

O conceito eclesiológico do cristianismo, considerado na perspectiva bíblica, também reitera o fato de que, em sua essência, o cristianismo é Cristo.

A Igreja, a comunidade daqueles que tem a Jesus como Senhor, e a ética cristã como base comportamental da nova vida, pode ser adequadamente considerada uma extensão do Cristo encarnado, ou como Johnston prefere, “uma extensão de Sua personalidade.”³⁴ Esta asserção é extraída das próprias figuras usada pelo Novo Testamento para ilustrar a íntima relação entre Cristo e a Igreja, tais como o corpo e a Cabeça, a noiva e o Noivo, Cristo como último Adão (ou cabeça da nova humanidade), e assim por diante. Estas designações enfatizam o íntimo companheirismo que os crentes desfrutam com Jesus. Thornton discute o assunto e chega a algumas interessantes conclusões. “Jesus se tornou uma carne conosco através da encarnação.” Por Sua morte, ressurreição e ascensão, o Espírito foi concedido de tal forma que a Igreja, a noiva, pode “atingir a identidade de uma existência completamente distinta como complemento do Noivo.” Finalmente, “tudo o que aconteceu ao encarnado Senhor, aconteceu à Igreja nEle” e “tudo o que assim aconteceu a Ele e nEle, agora acontece na Igreja pela mística união com Ele.”³⁵ Thornton fundamenta seu argumento no Evangelho de João. Mas esta maravilhosa experiência é reafirmada em outros lugares do Novo Testamento.³⁶

Isto é especialmente verdade com respeito à Igreja como o corpo de Cristo, ou como Nygren observa, “estar em Cristo é o mesmo que ser um membro do Seu corpo.”³⁷ Para ele, esta designação indica o “relacionamento indissolúvel e a unidade” entre Cristo e a Igreja. Então ele conclui: “O corpo de Cristo é Cristo mesmo... A Igreja é Cristo conforme Ele está presente conosco e nos encontra sobre a Terra.”³⁸ Esta maravilhosa realidade é, indubitavelmente, o mais convincente fator para que aquele que foi alcançado pelo evangelismo e abriu o coração para Deus, aceitando Sua graça e salvação, além de viver a ética cristã, se una, pelo batismo, à Igreja, para ser um membro do corpo de Cristo; e, então, se desenvolva até chegar ao “pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 2:14).

³² Que o amor divino e Jesus são sinônimos foi convincentemente demonstrado por Nils Johanson em seu artigo “1 Corinthians XIII and 1 Corinthians XIV”, *New Testament Studies*, 10:383ss. Ver especialmente 386ss.

³³ George P. Fisher, *The Christian Religion*, 104.

³⁴ George Johnston, *The Doctrine of the Church in the New Testament*, 92.

³⁵ Lionel S. Thornton, *Christ and the Church*, 12ss. Passagens como Mateus 25:40 (“...sempre que o fizestes a um deste meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes”, e seu correspondente negativo no verso 45), 10:40 (“quem vos recebe, a Mim Me recebe”), 18:5 (“quem receber uma criança, tal como esta, em Meu nome, a Mim Me recebe”) e Atos 9:4 (“Saulo, Saulo, por que Me persegues?”) dão suporte a este ponto de vista, tanto quanto o Evangelho de João com seu conceito de discipulado: discípulo é aquele que passa pela mesma experiência do Mestre (11:16; 12:26; 13:36; 14:3, 19; 15:18ss., 17:14, 16, 18, 22, 24) e permanece em unidade com Ele (14:20, 23; 17:21, 26), e Paulo com suas passagens “em Cristo”.

³⁶ Ver referências constantes na nota anterior.

³⁷ Anders Nygren, *Christ and His Church*, 93.

³⁸ Ibid, 96. Cf. Bonhoeffer: “Cristo é a Igreja por virtude de Seu ser *por mim*. Entre Sua ascensão e a segunda vinda, a Igreja é Sua forma e, de fato, Sua única forma. O que Ele é no Céu a direta de Deus não contradiz isto.” (*Christ the Center*, 58).



Ainda para Nygren, a presença de Cristo com Seu povo se torna real “através da Palavra e da Santa Ceia.”³⁹ Este fato faz do culto cristão uma celebração do ministério do Cristo encarnado, como foi adequadamente demonstrado por J. J. Von Allmen,⁴⁰ que diz:

O Novo Testamento nos mostra o ministério histórico de Jesus e, portanto, Sua inteira vida, como um processo litúrgico e, de fato, como a liturgia, a vida de adoração, aceita por Deus. Nesse sentido, o culto cristão tem sua base no culto “messiânico” celebrado por Jesus entre Sua encarnação e ascensão... O culto sumaria e confirma sempre renovadamente o processo da história de salvação, que alcança seu ponto culminante na intervenção de Cristo na história humana, e através desta recapitulação e sempre repetida confirmação, Cristo prossegue Sua obra salvífica pela operação do Espírito Santo.⁴¹

Este conceito tanto provê uma base cristológica para o culto cristão como relembra a cada adorador o imperativo da vida cristã e do serviço para com o mundo. Ou como Segler coloca, “a Igreja em adoração relembra Jesus Cristo como presente no ‘mundo da carne’. Uma nova reunião com o encarnado, o Cristo vivo, trará uma nova consciência do envolvimento da Igreja no mundo.”⁴² Desta forma, a adoração se torna um veículo de preparação da Igreja para viver o mesmo tipo de vida que Jesus viveu, uma vida em favor do mundo. Aqueles que se unirem à Igreja como fruto da evangelização, deverão adquirir, acima de tudo, uma consciência missionária. Serão novos discípulos dispostos a produzir outros.

De fato, a Igreja não tem nenhum outro ministério a cumprir no mundo senão o ministério de Cristo. “A Igreja encontra seu ministério ao partilhar do ministério de Cristo que ela descobre em sua adoração.”⁴³ Através disto, como Menoud observa, “a Igreja torna conhecida a viva presença de seu Senhor pela manifestação diversa de sua própria vida.”⁴⁴ Portanto, a adoração se torna mais que mera liturgia, ou processo litúrgico cumprido numa reunião, em determinado dia da semana, e em certo lugar conhecido como templo. Adoração é matéria de vida. A vida completa do cristão, como membro do corpo de Cristo, será uma adoração a Deus, não dependente do tempo, espaço e circunstância. “Para o cristão, o mundo inteiro é um templo.”⁴⁵ A vida completa de Jesus foi uma perfeita adoração a Deus, e para o cristão, Ele é o modelo e ideal.

Conclusão: Evitando os Extremos

Temos observado que o sentido essencial do cristianismo permeia os conceitos derivados de seus elementos externos. Em qualquer aspecto, dentro daquilo que é verdadeiramente bíblico, *cristianismo é Cristo*.

Isto estabelecido, é evidente que resta, àquele que se lança à obra de evangelização, que caracterize seu empenho por uma aplicação plena destes princípios, evitando a todo o custo o unilateralismo, especificamente os extremos da evangelização sem doutrinação e da doutrinação sem a experiência de conversão.

³⁹ Nygren, *Christ*, 96.

⁴⁰ Ver J. J. Von Allmen, *Worship, Its Theology and Practice*, 21ss.

⁴¹ Ibid, 23, 33.

⁴² Franklin M. Segler, *Christ Worship, its Theology and Practice*, 214.

⁴³ Ibid, 215.

⁴⁴ Philippe. H. Menoud, “Life and Organization of the Church”, *The Interpreter’s Dictionary of the Bible* (George Arthur Buttrick, ed.), I:617.

⁴⁵ Segler, 214.



A primeira, por se tratar de uma obra de natureza extremamente subjetiva, sempre será um risco para o viver autenticamente cristão. O crente não doutrinado será sempre vulnerável às pressões circunstanciais do mundo, que incluem as ideológicas, e estará propenso a abdicar de determinados aspectos da ética de Cristo, ou até de todos, tão logo a dúvida e o desinteresse se façam presente. E o resultado será desastroso para a fé e para o compromisso cristão; na melhor das hipóteses, ocorrerá a mornidão laodiceana que, possivelmente, é pior que a apostasia total.

A segunda por se tratar de mero proselitismo, alargará o espaço para que tenhamos na Igreja membros convencidos da verdade, mas não convertidos a ela. E o resultado será o orgulho espiritual, seguido de farisaísmo, radicalismo e intolerância. De fato, uma situação também lamentável.

Prejuízos da Doutrinação Deficiente

Como é possível para alguém viver de acordo com a vontade de Deus se desconhece o manual elucidativo desta vontade, a Bíblia? Como será uma testemunha da verdade se quase nada sabe sobre ela? Como amadurecerá na fé e desenvolverá a santificação, que se manifesta através da semelhança com Cristo, se não desenvolve a salvação “com temor e tremor” (Fl 2:12)? Se não avança “para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (3:14)? Até quando continuará bebê espiritual? (ver Hebreus 5:12-14). Enquanto isto estarão se multiplicando os falsos profetas, os dissidentes, e os pregadores oportunistas, os quais encontrarão em crentes despreparados um terreno fértil para alastrar seus erros.

A vida cristã é marcha para frente e para o alto; é uma batalha que exige adestramento e amadurecimento. Artur H. Stainback, líder batista, escreveu a favor da pregação doutrinária, dizendo entre outras coisas: “É triste ter de afirmar que muitos dos membros de nossa igreja são infantis em questão de doutrina. Jamais teremos uma igreja adulta, amadurecida, ou um cristianismo forte, enquanto não tivermos cristãos amadurecidos. Para sermos amadurecidos precisamos conhecer doutrina... Pregai doutrina e estareis limpando o pó dos assentos...”⁴⁶

O evangelista, em sua pregação *kerygmática*, se vê na tentação de ocultar determinados pontos doutrinários na ilusão de que mais tarde, depois de batizado, o interessado terá maior disposição de aceitar determinados temas. Mas o que acontece muitas vezes é que o neófito se melindra com um assunto que desconhecia e imediatamente deixa claro seu pensamento: “Ah! eu não sabia que, como membro da igreja, seria tal e tal coisa requerida de mim”. De fato, ele está pronto a deixar a igreja ou ser um crente nominal.

“Acomodai-vos em vossos sermões para serdes agradáveis aos homens”, continua Stainback, “e estareis lesando vossa eficácia para Cristo. Adocicai vossos sermões ao mundo em que os homens gostam, e estareis levando vossa congregação à diabetes espiritual. Pregai idéias populares e o vosso rebanho procurará o caminho do mundo e trará os seus entulhos para as vossas portas. Pregai as grandes doutrinas e deixai que vejam como Deus é rico em Sua Palavra, e conhecerá a Deus e Suas riquezas.”

Se queremos salvar almas e trazê-las para a Igreja, é nosso dever conduzi-las aos pés da cruz para uma experiência tão autêntica de conversão que aceitem com alegria as orientações bíblicas. As 27 doutrinas adventistas, agora 28, contidas no *Nisto cremos* precisam ser conhecidas daqueles que adentram a Igreja pela experiência do santo batismo, ou por outro meio.

Prejuízos da Doutrinação Pura e Simplesmente

Alguns acham que evangelismo é pura e simplesmente uma forma de *proselitismo* para aumentar o número de membros da Igreja. Isto é um erro.

⁴⁶ Artur H. Stainback, “Necessidade de Pregação Doutrinária”, repr. em *O Ministério*, novembro-dezembro de 1974, 7.



Qual o perigo de se apresentar simplesmente uma série de doutrinas? É o perigo de ganharmos almas motivadas apenas pela força da argumentação. Ellen G. White lembra que “às vezes homens e mulheres se decidem em favor da verdade devido ao peso das provas apresentadas, sem estarem convertidas.”⁴⁷

Isto é perigoso tanto para a pessoa ganhada, como para a Igreja. Como já referido, é problemática a presença na congregação de pessoas convencidas da verdade, mas não convertidos à verdade. O número de críticos, fariseus, incrédulos, descontentes, etc., se multiplica em razão desse mal.

Convencer sem converter, tal não é a função do evangelista, e muito menos do evangelismo. “Deus quer desviar a mente da convicção da lógica para uma convicção mais profunda, elevada, pura e gloriosa... Alguns ministros erram em tornar seus sermões inteiramente argumentativos.”⁴⁸

É claro que, como povo de Deus, possuímos temas doutrinários um tanto incomuns que temos de esclarecer e levar os interessados a aceitarem. Mas há de se usar o método correto para fazê-lo. Às vezes, devido ao orgulho pessoal, mera argumentação fecha a mente de quem está ouvindo, em vez de abri-la. O método correto superará este obstáculo. Qual é esse método? O método de Cristo. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo.”⁴⁹ “Todos aqueles que desejarem estudar a maneira como Cristo ensinava e educarem-se para seguir Seu método, atrairão e conservarão grandes multidões agora, como Cristo reteve o povo em Seus dias.”⁵⁰

Jesus não Se preocupava tanto em comprovar a verdade (argumentação) como de anunciá-la em termos simples e diretos. A multidão fremia ao ouvi-Lo e abria o coração para receber a mensagem. Quando acérrimos inimigos lançavam-Lhe perguntas capciosas objetivando contestar a legitimidade de Seu caráter e missão, Ele não Se via em necessidade de “responder à altura”.

Cristo, tanto publicamente como em contatos pessoais, apresentava aos ouvintes exatamente o que eles necessitavam ouvir para alcançar a vida eterna. Ele era o messias esperado; contudo não O vemos empenhado com argumentações para provar Quem era. Jesus não desejava tanto pessoas convencidas de que Ele era o prometido, mas almas que se arrependessem com Sua mensagem e O aceitassem como Salvador. Então, a esses, Lhes mostrava o novo rumo a seguir. Mas não procurava meros assentimentos; visava o coração. Com efeito, “a obra do ministro não está completa enquanto ele não fizer sentir a seus ouvintes a necessidade de uma transformação de coração.”⁵¹

Quando uma alma abre o coração para receber o Salvador, o assentimento mental às doutrinas é facilitado. Dois exemplos:

(1) *a guarda do sábado e outros temas*: “Não deveis pensar que tendes o dever de introduzir argumentos sobre o assunto do sábado ao encontrar-vos com as pessoas... Mas ao entregarem a Deus o coração, a mente e a vontade, então estão sinceramente preparadas para julgar as provas relacionadas com estas verdades solenes e probantes.”⁵² Em outras palavras, estarão preparadas para ouvir a exposição de qualquer tema doutrinário.

(2) *vestuário inadequado e outros problemas*: “...deveriam apresentar os atrativos de Jesus. Deveriam falar de Seu amor e misericórdia, apresentar o Seu exemplo e sacrifício, revelar o Seu espírito, e não precisarão sequer tocar o tema do vestuário... Quando o coração estiver convertido, tudo o que não está em harmonia com a Palavra de Deus cairá.”⁵³

⁴⁷ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 155.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, 120.

⁵⁰ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, 6:57.

⁵¹ White, *Obreiros*, 155.

⁵² Ellen G. White, *Evangelismo*, 228.

⁵³ Ibid., 272 (grifos supridos).



E o processo se completa quando os vários temas doutrinários são apresentados cristocentricamente. É por isso que somos instados a apresentar “a verdade tal como é em Jesus.”⁵⁴ Shuler afirma que “quando colocamos a cruz no centro, representando a justificação e a salvação, cada setor do ensino cristão da Bíblia ajusta-se devidamente como raios de uma roda... Cristo é o centro da roda da verdade.”⁵⁵ Ele ainda diz: “Convém que toda doutrina e prática da igreja remanescente seja exposta como uma série de passos sucessivos para andar ao lado do Senhor. Semelhante método conduzirá muito mais pessoas à verdade.”⁵⁶

O texto chave para todo evangelista deveria ser: “E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo” (Jo 12:32). Este é o segredo do êxito em qualquer forma de evangelismo autêntico, que proponha salvar. “A verdade como esta é em Jesus subjugará os mais fortes oponentes, levando-os cativos a Jesus Cristo.”⁵⁷

⁵⁴ Ibid., 199 (ênfase suprida).

⁵⁵ J. L. Shuler, “A Roda da Verdade”, *Revista Adventista*, maio de 1968, 5.

⁵⁶ Ibid, 6.

⁵⁷ Ellen G. White, *GC Conference Bulletin*, 25 de fevereiro de 1895, 337.